

TRIBUNA LIVRE

LEANDRO DO CARMO QUINTÃO



SOS para a memória capixaba

O Espírito Santo poderá perder parte da sua história. A centenária Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo, responsável pela ligação ferroviária entre Vitória e Cachoeiro, deverá ser em breve “erradicada” pela Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT).

Propositalmente, utilizei o termo “erradicar” para me remeter às políticas de extinção de ramais ferroviários ocorridas principalmente durante a Ditadura Militar (1964-1985). Nesse período, grande quantidade de trilhos foi “erradicada”, baseando-se na indiferença pelos sentimentos populares, especialmente daqueles que mais necessitavam dessas estradas. Indiferença essa regrada pela repressão, especialmente aos sindicatos ferroviários.

Esse termo nos dá a conotação de que algo positivo será feito, que a retirada desses trilhos fará parte do progresso, e fará bem para o Brasil. Essa imagem vendida, camuflava interesses particulares, que iam muito além, conforme alguns estudos já demonstraram, do simples desejo de ver o País rasgado por rodovias.

Atualmente, a história se repete justificada dessa vez pela lógica econômica, no caso capixaba, entretanto, pela ótica ferroviarista, verdadeiro “fogo amigo”. Um novo ramal será construído em paralelo ao existente, fazendo o percurso pelo litoral, também ligando os portos da capital ao sul do estado, resgatando antigo plano do passado. Então, o leitor pode se perguntar: qual problema haverá em trocar uma ferrovia por outra? Por que tanto estardalhaço em acabar com uma velha estrada que corta uma parte do estado, cruzando a região metropolitana, quase discretamente? Talvez a resposta esteja na própria pergunta.

Encontramos pelo menos dois grandes problemas. A começar pela forma como está sendo feito o processo. Rememorando o período militar, é preocupante sabermos que as comunidades pelas quais passa a ferrovia não foram chamadas para discutir essa situação. O mesmo tratamento recebeu

a empresa turística que atua na ferrovia, apesar de contribuir, a seu modo, com o turismo capixaba. Até os prefeitos dos municípios atravessados pela estrada compõem o coro dos indignados.

A princípio, a história tende a se repetir: a população está novamente à margem do processo de retirada de trilhos, angustiada, por que a interferência em seu cotidiano, em sua cidade, ou povoado, não lhe diz respeito. Será que essas pessoas não têm nada a dizer? Municípios inteiros verão seu patrimônio histórico ser simplesmente levado embora, como um bem que não lhe pertence, mesmo estando ali há mais de cem anos.

Por fim, há a questão da memória capixaba. Um estado para ser grande precisa primeiramente



A população está novamente à margem do processo de retirada de trilhos de uma ferrovia

construir a sua história, mediante vestígios deixados pelos homens que aqui habitaram no passado. Vale o mesmo para seu povo. É tão triste saber que muitos capixabas mal conhecem sua história, são quase sem identidade, quanto vemos uma parte do nosso passado, presente naqueles trilhos e no imaginário daquela população, simplesmente ser extinta por tecnocratas insensíveis, cegos à herança imaterial que uma população pode deixar. Não conseguem perceber como ela enriquece um povo culturalmente, formando cidadãos atuantes.

O que queremos para o Brasil? O que queremos para o Espírito Santo? Não podemos permitir a reprodução de práticas autoritárias de um passado que queremos conhecer a fundo para não repetirmos seus equívocos. Fica aqui a lição, aprendamos com a(s) História(s).

Leandro do Carmo Quintão é historiador e professor do Instituto Federal do Espírito Santo